

A cobra fumou

O homem cordial venceu na Itália¹

*Luiz Eduardo Maciel Lopes**

Introdução

O conceito moderno de cultura abrange todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade (TYLOR, 1871, p. 18). Essa definição abarca a forma como os membros de uma sociedade se relacionam entre si e com o meio que os cerca.

Estratégia, por sua vez, é a arte de preparar e aplicar o poder para conquistar e preservar objetivos, superando óbices de toda ordem (BRASIL, 2015, p. 109/288). Depreende-se que a estratégia é uma forma de solucionar um problema, representado pela presença de um óbice na direção de um objetivo, aplicando, para isso, o poder. É nesse contexto que a cultura torna a guerra possível. Ela fornece os códigos morais e as técnicas da guerra, dizendo às comunidades por que razão combatem e como o devem fazer (FARRELL, 2005, p. 8-9).

A cultura, assim, explicita para os membros de uma sociedade os motivos e o momento em que o óbice exige a aplica-

ção do poder militar, ao mesmo tempo em que permeia as ações adotadas para a superação desse óbice. Nesse aspecto cultural, talvez resida o componente de “arte” em que se enquadra a definição de estratégia. Uma cultura estratégica, então, é o somatório de ideais, respostas emocionais e padrões de comportamento que os membros de uma comunidade estratégica nacional adquirem (SNYDER, 1977, p. 8).

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi a força militar constituída, em 9 de agosto de 1943, para lutar na Europa ao lado dos países Aliados, contra os países do Eixo, na Segunda Guerra Mundial. Integrada, inicialmente, por uma divisão de infantaria, a FEB acabou por abranger todas as tropas brasileiras envolvidas no conflito, chegando a um efetivo de 25.700 homens (MOREIRA, 2017). O início do transporte da FEB ocorreu em julho de 1944, e seu emprego em combate aconteceu entre setembro de 1944 e maio de 1945.

A FEB foi a solução brasileira para o atingimento do objetivo “paz estável”, diante do óbice representado pelo torpedeamento dos navios brasileiros por sub-

* Maj Cav (AMAN/02, EsAO/10), possui o curso de Comunicação Social (CEP/16), o Curso Básico de Inteligência (EsIMEx/05) e o Curso de Operações de Inteligência em Segurança Pública (Subsecretaria de Inteligência do Rio de Janeiro/06). Atualmente, é aluno da ECEME.

marinos do Eixo. A estabilidade da paz obtida por meio da vitória militar da FEB só pode ser medida pelo crescimento da inserção internacional do Brasil, particularmente, pelo seu papel na Organização das Nações Unidas, da qual é membro fundador. Uma participação como essa não teria sido possível sem a cessão do saliente nordestino, a atuação da Marinha do Brasil e da Marinha mercante e sem a consolidação do alinhamento com as nações vencedoras, por meio do esforço militar representado pela FEB.

Estrutura-se, então o problema de pesquisa: considerando-se a FEB uma solução estratégica, como se manifestaram aspectos culturais brasileiros na aplicação do poder militar nacional na Campanha da Itália, em 1944 e 1945?

Antes de explicitar o caminho percorrido para responder ao problema já descrito, cabe esclarecer que o estudo sociológico por meio de tipo ideal foi um método surgido no início do século XX e se refere ao uso de noções abstratas como uma caricatura, exagerando as principais características e reduzindo as menos importantes, para esboçar a verdade subjacente. Essa abordagem permite entender as partes complexas da sociedade por meio de uma versão simplificada (COSTA, 2013). A influência dessa forma de pesquisa inspirou (SAES, 2004, p. 4-13) a elaboração de um tipo ideal para compreender a cultura brasileira, denominado “o homem cordial” (HOLANDA, 1995, p. 139).

A opção pelo “homem cordial” se justifica porque foi uma representação estabelecida em 1936, em um período

imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939. A proximidade das datas é particularmente importante porque se buscou uma caricatura fornecida pelo tipo ideal que representasse a cultura nacional nos anos imediatamente anteriores à preparação e emprego da FEB.

Para responder ao problema de pesquisa, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Apresentar características do tipo ideal “homem cordial”, constatadas em relatórios americanos sobre a FEB, relatos de ex-militares alemães que combateram os brasileiros na Itália e livros de ex-combatentes brasileiros sobre o assunto.
2. Concluir sobre a possibilidade de utilizar a experiência da FEB para aprimorar a cultura estratégica brasileira, na superação de óbices de toda ordem.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, por meio da qual se buscou encontrar as definições de características do “homem cordial” que mais se adequavam aos fatos históricos narrados nas fontes de consulta e, posteriormente, descrever como essas características se manifestaram à luz dos próprios fatos.

Desenvolvimento

Reações motivadas pela cordialidade

O homem cordial é um indivíduo movido pelo coração, porque a palavra cordial há

de ser tomada, neste caso, em seu sentido exato e estritamente etimológico. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado. (HOLANDA, 1995, p. 204, 205)

O momento em que a reação, a partir de aspectos cordiais, na acepção adotada acima, pode ser percebida de forma mais contundente é a tomada de Monte Castello, após quatro ataques infrutíferos. Havia a consciência, por parte do comando da Divisão de Infantaria Expedicionária, do impasse gerado pelos insucessos anteriores. Mas, para explicar a mudança de moral e espírito, os relatórios americanos encontraram como uma das causas o fato de os brasileiros terem encontrado corpos de companheiros insepultos nas encostas de Monte Castello, e ainda por cima minados pelos alemães (*HEADQUARTERS IV CORPS*, apud WAACK, 2015, p. 208). Isso enraiveceu os soldados brasileiros, e eles realmente partiram atrás dos alemães. Os soldados demonstraram de fato que tinham muita coragem (*AFHQ*, apud WAACK, 2015, p. 231).

Essa evolução, característica do homem brasileiro em campanha, é percebida e descrita de forma clara pelo marechal Humberto de Alencar Castello Branco:

E quando o combate começava, o que caracterizava o homem brasileiro era o seu aspecto de homem impressionado. Os primeiros instantes em combate longe estavam de ser instantes de pavor em que passasse pela cabeça do brasileiro a ideia de uma deserção para a retaguarda. Não. O brasileiro mostrava-se impressionado, patenteava um pouco de inibição. Mas,

depois, pouco a pouco, ia recobrando a sua própria direção, o tipo e a ligação de um para com o outro. Transformava-se num combatente ardoroso... (CASTELLO BRANCO apud SILVEIRA, 2001, p. 140)

A causa atribuída pelo chefe de operações da 1ª DIE para essa mudança de comportamento do soldado era a presença de um “tenente, um capitão, que estava junto de si e o puxava para frente” (CASTELLO BRANCO apud SILVEIRA, 2001, p. 140). A importância da liderança, em combate, é incontestável, porém, observa-se, pelo próprio relato do marechal, que o tenente ou o capitão aparecem ao final dessa tomada de consciência como catalisadores do ardor, da agressividade recém-gerada.

A proporção da reação dos soldados brasileiros pode ser observada, ainda, no relato extraído do diário de um oficial alemão que atuava na defesa de Monte Castello: “O que um ser humano é capaz de fazer ao outro. Minha querida, se você soubesse o medo que senti nesses momentos (...)” (WAACK, 2015, p. 234).

Mas, a motivação cordial explica, ainda, a proteção dos prisioneiros de guerra alemães por parte da FEB, diante da população dos povoados italianos e da atitude dos *partigiani*. No relato de Joaquim Xavier da Silveira, ex-combatente brasileiro, que lutou na Itália:

Aqueles patriotas que, com tanto denodo e coragem, enfrentaram todos os perigos e combateram os alemães e os italianos fascistas, no final da guerra salpicaram a sua glória com atos de vingança pessoal. Os febianos assistiram e tomaram conhecimento de julgamentos sumários, acom-

panhados de fuzilamentos, e perseguição a jovens italianas que tiveram os seus cabelos raspados por manterem relações com os alemães. (SILVEIRA, 2001, p. 199)

O quadro da ameaça aos prisioneiros alemães estava claro. Porém, como explicar o comportamento decidido descrito abaixo, para proteger o mesmo inimigo que havia armadilhado os corpos insepultos de companheiros? “Os soldados brasileiros que nos guardaram foram muito enérgicos e nos protegeram da fúria da população, disse o ex-capitão Mull” (apud WAACK, 2015, p. 265). “Ao meu lado, um soldado negro ainda disparou sua arma para o alto para conter o povo, acrescentou Gärtner” (apud WAACK, 2015, p. 265).

Sem dúvida, a euforia da vitória trazia um alento. Mas, a percepção do inimigo, após rendido, era o ponto crucial. A descrição de uma rendição de soldados alemães para brasileiros por um posto de observação (PO) do Exército Alemão é esclarecedora:

O soldado dos binóculos do PO da artilharia continua vendo coisas estranhas. Ele observa vários soldados alemães e “americanos” cumprimentando-se com apertos de mão nas proximidades de Capilla il Monte. (*JÄGER REGIMENT 741*, apud WAACK, 2015, p. 244)

O inimigo, antes percebido quase como uma entidade demoníaca, que contra-atacava de forma brutal e precisa, estigma do Exército Alemão, extremamente respeitado no Brasil, depois da rendição, passava a ter rosto, tornava-se familiar:

Em muitos casos, quando a Divisão entrou em linha, as tropas que capturaram prisioneiros os haviam alimentado e lhes dado cigarros. Com esse tratamento, os prisioneiros ganham confiança e se recusam a dar informações. (*BRAZILIAN LIAISON DETACHMENT*, apud WAACK, 2015, p. 172)

A cordialidade, ora explicitada, apresenta características que podem-se tornar oportunidades, se bem administradas pelas lideranças desses soldados em combate. O relacionamento com os prisioneiros de guerra, por si só, já serve como incitação à rendição: “logo ao saber que seria preso por brasileiros, Mull conta ter sentido um alívio” (MULL, apud WAACK, 2015, p. 265).

Por outro lado, o período de “inibição” que precede a agressividade intensa (porque cordial) pode ser reduzido em um programa de treinamento adequado, explorando-se outro traço cultural brasileiro, a ser abordado a seguir.

O espírito de facção e o Estado-Maior da FEB

As facções são constituídas à semelhança das famílias, precisamente das famílias de estilo patriarcal, onde os vínculos biológicos e afetivos que unem ao chefe os descendentes, colaterais e afins (...) não de preponderar sobre as demais considerações. Formam, assim, como um todo indivisível, cujos membros se acham associados, uns aos outros, por sentimentos e deveres pessoais, nunca por ideias... (HOLLANDA, 1995, p. 79)

O espírito de facção grassou no Estado-Maior da FEB em dois níveis distintos.

Nas relações internas:

O Estado-Maior da 1ª DIE não era um corpo homogêneo, como seria desejável; nele existiam divergências de opiniões e maneiras diversas de encarar o problema. (SILVEIRA, 2001, p. 215)

Este fato fica claro nos relatórios americanos sobre o compartilhamento de informações entre as seções:

O oficial em serviço na G-3 perguntou ao oficial da G-2, na minha frente, se os três prisioneiros de guerra tinham alguma informação pertinente ao ataque. O G-2 recusou-se a dar-lhe qualquer resposta. Ele tinha ordens para não dar qualquer informação sem a verificação e aprovação de seu superior. O superior estava dormindo àquela hora. (*BRAZILIAN LIAISON DETACHMENT*, apud WAACK, 2015, p. 171)

Repare-se que o estresse provocado pelas situações de combate e, mais ainda, pelos insucessos iniciais ampliou as divergências entre os homens encarregados de decidir. Isso é natural, como se observa em:

Como o General Mascarenhas tinha determinado uma reunião para as 07h30min, o Chefe do Estado-Maior, Lima Brayner, marcou-a mais cedo, dela participando os tenentes-coronéis chefes da 2ª e 3ª Seções, Kruel e Castello Branco. Os dois tiveram uma discussão acalorada, havendo forte atrito. (SILVEIRA, 2001, p. 167)

O que não é natural é que as relações pessoais interfiram no trabalho das seções, de forma a atrapalhar o fluxo de informações necessário ao planejamento, principalmente quando a adoção de decisões adequa-

das é fundamental para a preservação de vidas humanas:

Frequentemente, informações de rotina não eram passadas e, como resultado, nada era feito enquanto o comandante estava ausente. Parecia ser hábito ou orgulho de cada oficial saber algo que o outro companheiro não sabia. Isso atrapalhava tremendamente o funcionamento da seção. (*BRAZILIAN LIAISON DETACHMENT*, apud WAACK, 2015, p. 171)

A questão da FEB, ao que tudo indica, não era um excesso de zelo com a contrainteligência, até porque “o Serviço de Contrainformações não funcionou por longo tempo, até que a área da Divisão estivesse infestada de agentes inimigos” (*BRAZILIAN LIAISON DETACHMENT* apud WAACK, 2015, p. 173). Mas, antes, o que se observava era o espírito de facção manifestado entre as seções, fato que emperrava o funcionamento da máquina militar.

A engrenagem de um estado-maior exige a adoção de soluções encontradas em conjunto, e isso implica reduzir os personalismos, como pontua o marechal Castello Branco: “a adaptação da vontade individual ao interesse coletivo para, enobrecido o indivíduo, servir ao conjunto” (CASTELLO BRANCO, apud SILVEIRA, 2001, p. 142).

O segundo nível de comprometimento a que esse traço cultural levou a FEB, nas palavras dos oficiais americanos que a inspecionaram, era a forma como as ações dos militares que a compunham poderia ser percebida no Brasil:

Aparentemente, a máquina militar da FEB está politicamente atada, e mui-

tos comandantes superiores hesitam em executar certas ações por temerem envolver-se em política ou, então, entrar em conflito com alguém que possa prejudicá-los mais tarde, quando regressarem ao Brasil. (*HEADQUARTERS IV CORPS*, apud WAACK, 2015, p. 170)

Independente do fato de haver qualquer tipo de pressão vinda do Brasil ou de esse “temor” que causava “hesitação” ter sido apenas uma percepção de determinados oficiais diante de ecos do que se passava na pátria distante, a constatação dessa ocorrência retrata o resultado da associação por sentimentos e deveres pessoais em detrimento das ideias, característica do espírito de facção.

De qualquer forma,

esses episódios contêm ensinamentos importantes e que devem ser debatidos à luz da história militar, para que fatos iguais não se repitam. Na verdade, a FEB lutou em duas frentes: a ostensiva, contra o adversário alemão e italiano fascista, e, na frente interna, uma luta surda e impatriótica, atrapalhando e cerceando a atuação de seu comandante. (SILVEIRA, 2001, p. 217)

O espírito de facção não é um traço cultural sem utilidade em um conflito. Se canalizado para o adversário, por meio de preleções diárias junto à tropa, representa uma oportunidade de estímulo à coesão. Porém, sua eclosão dentro da própria estrutura, como o exemplo da FEB demonstrou, precisa ser evitada. O próprio conhecimento da existência desse fenômeno por parte dos comandantes permite sua identificação oportuna.

O ritualismo epidérmico

Um ritualismo pela exterioridade, isto é, voltado para as aparências, é uma herança colonial que se manifestou na “religião, menos atenta ao sentido íntimo das cerimônias do que ao colorido e à pompa exterior” (HOLANDA, 1995, p. 150). Apareceu, também, em outras áreas:

Da tradição portuguesa, manteve-se melhor do que outras, como é fácil de imaginar, a obrigação de irem os ofícios embandeirados, com suas insígnias, às procissões reais, o que se explica pelo gosto do aparato e o dos espetáculos coloridos, tão peculiar à nossa sociedade colonial. (HOLANDA, 1995, p. 59)

Esse aspecto cultural permite compreender por que “nas duas primeiras semanas (da FEB na Itália), não havia cobertores nem armamento (...) e o tempo foi perdido com marchas e paradas” (WAACK, 2015, p. 192). Fato que, dentro da lógica cordial que guia as relações sociais no Brasil, bem poderia ser explicado pela via recebida pelos militares brasileiros ao desembarcarem no Porto de Nápoles:

Após a solenidade de praxe, iniciou-se o desembarque sem nenhum armamento: os homens carregavam nas costas um saco contendo seus pertences pessoais. Como havia na área portuária tropas americanas para o serviço de polícia, aqueles soldados, totalmente desarmados e vestidos com uniformes muito semelhantes ao uniforme alemão, deram aos italianos que se encontravam no local a impressão de que eram prisioneiros alemães. Chegou até a haver algumas vaias dirigidas aos brasileiros. (SILVEIRA, 2001, p. 64)

As paradas seriam uma forma de esclarecer o mal-entendido.

Esse é mais um traço de identidade coletiva que também pode ser revertido em proveito da força empregada em operações, particularmente ao final delas. Por exemplo:

O prefeito de Teano, perto de Nápoles, enviara um memorando ao comando do V Exército queixando-se de que os brasileiros, à espera do embarque de volta para casa, estavam transtornando a vida de sua cidade (...) (WAACK, 2015, p. 271)

— seria esse, talvez, um bom momento para as paradas militares.

A rotina contra a razão abstrata e a diáspora da FEB

A rotina e não a razão abstrata foi o princípio que norteou os portugueses, nestas como em tantas outras expressões de sua atividade colonizadora. Preferiam agir por experiências sucessivas, nem sempre coordenadas umas às outras, a traçar de antemão um plano para segui-lo até ao fim. Raros os estabelecimentos fundados por eles no Brasil que não tenham mudado uma, duas ou mais vezes de sítio (...) persistente testemunho dessa atitude tateante e perdulária. (HOLANDA, 1995, p. 109)

A desmobilização acelerada da FEB — os certificados de serviço militar dos soldados brasileiros foram impressos na Itália, enquanto a FEB ainda ocupava militarmente o território (SILVEIRA, 2001, p. 236) — não anteviu a possibilidade de aproveitamento dos conhecimentos adquiridos do Exército dos Estados Unidos e, muito menos, abriu a

possibilidade de explorar as soluções advindas da adaptação das técnicas, táticas e procedimentos às características culturais da gente brasileira. “Com esse procedimento, a grande oportunidade de utilizar a FEB como núcleo de treinamento foi total e irrecuperavelmente perdida” (SILVEIRA, 2001, p. 237).

O mais grave, entretanto, foi a adoção da doutrina militar americana e o início de uma reorganização com base em estruturas similares à da FEB (já preparada de acordo com o preconizado pelo Exército dos Estados Unidos), como se essa fosse uma experiência inteiramente nova que simplesmente sucedeu o “acontecimento Segunda Guerra Mundial”:

Após a II Guerra Mundial, o Exército começou sua reestruturação tendo como base as Grandes Unidades. Com a desmobilização repentina da FEB, desmobilizou-se também a única Grande Unidade que tinha experiência de combate — a 1ª DIE, organizada pelo Exército com grande sacrifício —, dispersando-se os seus elementos. (SILVEIRA, 2001, p. 236)

A atitude perdulária de iniciar novas empreitadas sem aproveitar os ensinamentos colhidos nas experiências anteriores não parece ser uma opção para o Exército dos Estados Unidos, que, em documento secreto, recomendava:

Sendo a FEB a única unidade do Exército Brasileiro inteiramente treinada pelos Estados Unidos, ela tem um grande valor como núcleo de ensino e treinamento para outras unidades brasileiras. (SILVEIRA, 2001, p. 200)

É fato que boa parte dos oficiais e praças de carreira da FEB permaneceu no

serviço ativo e contribuiu para moldar os destinos do Exército Brasileiro nos anos posteriores. Porém, a absorção da experiência de combate se deu à brasileira, de forma personalista e dispersa, por iniciativas individuais. O aprendizado da sinergia que leva um grupo humano a se tornar um Exército vencedor, e que pode economizar vidas, superou Monte Castelo para esbarrar de forma indelével na herança colonial de um empirismo tateante.

Esse traço cultural é compreensível para uma pequena nação (em extensão territorial e população), como Portugal, na empreitada de colonizar um território imenso diante de ameaças difusas. Esse aspecto, entretanto, está na raiz de toda e qualquer dificuldade de gestão do conhecimento em um país que pretende se industrializar e representa um fator de alto risco na elaboração de estratégias.

Conclusão

Selecionar, preparar e transportar 25.700 homens do Brasil para a Europa, de onde a possibilidade de retorno era incerta, sem dúvida nenhuma já é um feito inigualável. Tão inigualável, que nenhum país sul-americano, além do Brasil, tentou fazê-lo.

Colocar-se, com os olhos de hoje, na situação daqueles oficiais e praças, amplia, ainda mais a grandiosidade do que fizeram lá: homens originários de um país cujo nível de desenvolvimento humano era bem inferior ao dos próprios contenedores europeus, soldados que receberam material estrangeiro com o qual nunca antes haviam travado contato, devendo

aprender a manuseá-lo em manuais em inglês. Da perícia nos novos equipamentos, dependeria a sobrevivência desses militares naquela que representou a maior Guerra da Era Industrial, justamente quando o Brasil começava a abandonar sua herança rural.

Esse artigo não pretendeu reduzir o brilho dessa epopeia tão pouco reconhecida pela sociedade, nos dias de hoje. Ao contrário, seu objetivo foi colher ensinamentos desses fatos, tentando encontrar suas causas culturais para aplicar a “razão abstrata” na esperança de romper o ciclo de “preferir agir por experiências sucessivas, nem sempre coordenadas umas às outras”. A perda de conhecimento e estrutura adquiridos em combate não é, apenas, exclusividade da FEB, ocorreu após a Guerra da Tríplice Aliança.

O estudo do tipo ideal “homem cordial” permitiu compreender algumas características marcantes da identidade do brasileiro que foi combater na Itália. Características que não são positivas nem negativas, mas que, sendo conhecidas e observadas pelos comandantes, podem ser potencializadas em proveito da máquina militar em operações.

Assim, o espírito de facção voltado para o adversário pode conduzir o “homem cordial” a atingir mais rapidamente o seu *turning point*, ocasionando a reação agressiva. Essa verdade incontestável pode ser observada, constantemente, nos infelizes confrontos entre torcidas nos estádios de futebol, nos dias de hoje.

Por outro lado, a familiarização com os prisioneiros de guerra e sua de-

corrente proteção é algo que pode ser aproveitado pelas operações psicológicas, com a ressalva feita em relatório, por observador americano, de que a obtenção das informações advindas desses prisioneiros deve ser realizada antes da aproximação cordial.

Mesmo as paradas, que agradavam ao ritualismo epidérmico dos brasileiros das décadas de 1930 e 1940, encontram o seu momento de execução quando for necessário evitar o ócio da tropa, após uma campanha bem-sucedida. Ao mesmo tempo, sua execução motivada por vitórias militares permite a assimilação do sentido dos feitos realizados e favorece a coesão.

Em síntese, o soldado brasileiro é um ótimo soldado, não deixa nada a dever, em combatividade, a nenhum outro. Sua adaptabilidade e capacidade de fornecer soluções inovadoras são, de longe, suas qualidades mais contundentes. E

é exatamente isso que se perde ao não sistematizar e difundir o resultado dessa criatividade. Algo falta, na engrenagem social brasileira, para que se dê “a adaptação da vontade individual ao interesse coletivo para, enobrecido o indivíduo, servir ao conjunto”. O presente trabalho buscou contribuir para romper a inibição diante dessa realidade, exposta em

um livro escrito em 1936, de forma que não se exija uma nova empreitada sem memória em um conflito da Era do Conhecimento.

Já que a cultura fornece os códigos morais e as técnicas da guerra, a cultura brasileira, em uma hipótese de conflito, vai acabar permeando as operações nas quais as tropas estarão envolvidas, como a FEB demonstrou. Por que, então, não instrumentalizar o somatório de ideais, respostas emocionais e padrões de comportamento que nos conformam como sociedade, de forma estratégica? 🌐

A absorção da experiência de combate se deu à brasileira

Referências

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD 35-G-01 Glossário das Forças Armadas**, 2015. Disponível em: <www.defesa.gov.br/arquivos/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35_g_01_glossario_das_forcas_armadas_5_ed_2015.pdf>. Acesso em: 26 fev 2018.

COSTA, Fernando Nogueira da. **Max Weber e os Tipos Ideais**, 2013. Disponível em <[//fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/11/25/max-weber-e-os-tipos-ideais/](http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2013/11/25/max-weber-e-os-tipos-ideais/)>. Acesso em: 26 fev 2018.

FARRELL, Theo. **Norms of War: Cultural Beliefs and Modern Conflict**. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOREIRA, Regina da Luz. **Fatos & Imagens > 1944: O Brasil vai à guerra com a FEB**. Fundação Getúlio Vargas, 2017. Disponível em: <///cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/FEB>. Acesso em: 26 fev 2018.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **Uma releitura de Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de HOLANDA, 1995**. Territórios & Fronteiras. Cuiabá: UFMT, v. 5, n. 2, 2004.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001.

SNYDER, Jack. **The soviet strategic culture: implications for nuclear options**. Santa Monica: Rand Corporation, 1977.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom**. London: John Murray, 1871.

WAACK, William. **As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos**. 1 Ed. São Paulo: Planeta, 2015.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Artigo apresentado como pré-requisito para a conclusão da disciplina Cultura Estratégica no Curso de Comando e Estado-Maior da ECEME.